

A MÁQUINA DE KAFKA: ENTRE O NÃO E O NOME DO PAI

THALYTA BRUNA COSTA DO LAGO¹; HELANO RIBEIRO³

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 –thalyta.lago@hotmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba– hjcribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De forma distinta ao que se possa supor, o conceito de “literatura menor”, em conformidade com Deleuze & Guattari (2013), não delimita uma forma literária de menor prestígio. Menor é a literatura que emerge com força de potência capaz de abalar as estruturas de um modelo literário imposto como maior. Nessa perspectiva, atribuir a Kafka uma leitura que perpassasse essa perspectiva é reconhecer o caráter de desterritorialização de seus feitos. A exemplo disso, termos a relação do autor com língua: na impossibilidade de escrever em outra língua que não fosse o alemão, pois era a língua empregada empregada para circulação, conforme posto aos judeus de Praga, o que resulta é uma língua desterritorializada, tão política quanto o modelo literário que essa produz.

Para além disso, as personagens que transitam pelo universo kafkiano nos dão pistas do compromisso com o social, elemento esse muito caro ao que é literário e menor, seja pela denúncia contra os excessos de burocracia que punem cidadãos comuns, seja pela figura paterna que é constantemente representada com traços de autoritarismo. Nenhum desses elementos aparece de forma despropositada e quanto ao último, a figura paterna, há ainda a menção à relação conflituosa que o autor manteve com seu pai, a qual lhe rendeu uma carta, publicada no ano de 1919, sob o título *Brief an den Vater* [Carta ao pai] e cujo intuito era tornar o pai ciente do peso negativo de suas ações sobre a vida dos filhos.

A carta ao pai atua como objeto de análise do presente trabalho, pois a partir dela é possível compreender as estruturas clínicas lacanianas, neurose, psicose e perversão, de modo a enxergar a transição do autor de “Édipo neurótico a Édipo perverso”.

Para a teoria psicanalítica, o “complexo de Édipo” diz respeito ao “conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (RODRIGUES DE SOUZA, 2006, p. 135) e cujo ápice estaria previsto para o hiato entre os três e cinco anos de idade, durante a fase fálica. É através do “complexo de Édipo” que ocorre a instauração da subjetividade, a formação da psique humana. Lacan incorporou à teoria freudiana do Édipo e à sua metáfora paterna a dialética desejo-lei.

Trata-se da conversão da triangulação mãe-falo-criança em mãe-filho-pai, a partir da castração simbólica. Para Lacan, ao se ocupar das concepções de simbólico, imaginário e real, de modo conciso, o simbólico diz respeito ao sentido mais amplo da linguagem, a forma que a empregamos para nomear o mundo. O Imaginário corresponde às projeções que fazemos não somente sobre nós mesmos, como também sobre os demais indivíduos. Ao passo que o real se trata do que já não cabe no imaginário e que nem é possível de ser simbolizado e, por isso, não pode ser acessado em toda sua totalidade.

Antes de se apropriar da linguagem, o sujeito se vê enquanto objeto de desejo da mãe e a interpreta como parte de si mesmo, por isso, se situa na

triangulação mãe-falo-criança. Ocorre, porém, que a figura do pai aparece como instauração da lei simbólica, a qual retira o sujeito da ordem do imaginário e estabelece sua subjetividade no simbólico. O “nome-do-pai”, do original *Non-du-père* e que abre espaço na homofonia “não” e “nome”, em francês, é a força de lei que impõe a triangulação mãe-filho-pai.

Após a instauração do “nome-do-pai”, o sujeito se reportará a uma das três estruturas clínicas, postas por Lacan: psicose, neurose e perversão. O processo ocorre ainda na infância e uma vez determinado, não pode ser modificado.

A psicose tem suas bases na concepção lacaniana de forclusão ou forclusão. O sujeito da psicose encontra fora tudo o que não lhe convém procurar dentro. Nas palavras de Campos (200-), “a posição do psicótico é narcísica, ele não entra no que se convencionou chamar relação de objeto. O objeto que com ele se funde e se confunde permanece sendo a mãe, e ele o seu falo.” (p.3).

De forma distinta, na neurose, o que prevalece é o recalque. O sujeito neurótico priva a si mesmo e aos demais do objeto de sofrimento, pois o recalca a ponto de padecer pelo que se vê incapaz de formular.

Por fim, a perversão traz como princípio a denegação, a recusa em aceitar como verdade um determinado sintoma (dor e problema, por exemplo), o que abre espaço ao fetichismo, que lhe é característico.

Quando escreve a Carta ao pai, em uma primeira leitura, o que se pode supor acerca do conteúdo é da ordem de um filho que devolve ao pai os objetos de seus dissabores, tal como o objeto recalcado é capaz de emergir. Nessa lógica, o filho seria condizente com a estrutura da neurose e sua reação em relação ao pai, em virada traumática.

Deleuze e Guattari (2003) apontam, porém, que ao escrever a carta ao pai, Kafka comete um “deslize perverso”, o qual o tira da condição de “Édipo neurótico” e o torna um “Édipo perverso”. O Édipo perverso deriva da resistência ao corte simbólico, o qual é aplicado pela Lei do pai. Sua denegação situa o sujeito-autor na esfera de projetar no masculino o caráter de afeto que teria relação com o feminino, em outras palavras, Kafka amplia a fotografia do pai, enquanto forma de expressão, até o absurdo a fim de sinalizá-la como objeto de falta incessável. Ainda em Deleuze e Guattari (2003), percebemos que “ampliar Édipo já é sair da submissão” (p. 30), opor-se ao recalque que seria previsto pela neurose, assim como propõe “desterritorizar Édipo no mundo em vez de reterritorializar sobre Édipo e na família.” (p. 30)

2. METODOLOGIA

Visto que a presente pesquisa cumpre com o objetivo de analisar de forma crítica a figura paterna que transita pela obra kafkiana, sobretudo o pai do próprio autor, quem inspirou a “Carta ao Pai”, a metodologia empregada decorreu de leituras que tornassem os conceitos abordados palatáveis. O movimento foi fundamental principalmente no âmbito das estruturas clínicas lacanianas, neurose, psicose e perversão, pois se trata de um tópico que exige intensa averiguação para ser entendido. Além do mais, a concepção de “literatura menor”,posta por Deleuze e Guattari, foi fator decisivo para ler Kafka com outros olhos, para além do que pode ser depreendido em uma interpretação menos atenta e preocupada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não é possível falarmos sobre resultados, pois não era objetivo da pesquisa realizar uma busca precisa por eles.

4. CONCLUSÕES

Conforme mencionado no tópico da introdução, a figura paterna aparece, no universo kafkiano, de forma autoritária e impassível. O pai, em Kafka, é o sujeito que pune e quem desconhece o afeto. A constância desse traço pode ser compreendida como reflexo da relação conflituosa entre o autor e o próprio pai. Contudo, o entendimento sobre a forma com que essa imagem é estruturada e apresentada passa pelo crivo das estruturas clínicas. E isso, bem ou mal, oportuniza o benefício da dúvida com respeito aos limites desse totalitarismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, D. O Édipo e as estruturas clínicas: no seminário 5 de lacan. no Seminário 5 de Lacan. 200-. Disponível em: http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DCDantas/Dcampos_edipo_estr_clin_upld.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.
- CHAVES, M. E. Estruturas clínicas em Psicanálise: um recorte. Reverso, Belo Horizonte, v. 76, n. 40, p. 55-62, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php/script_sci_serial/pid_0102-7395/lng_pt/nrm_is_o. Acesso em: 18 jun. 2020.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. Kafka: para uma literatura menor. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. Tradução de Rafael Godinho.
- KAFKA, F. Carta ao Pai. Porto Alegre: L&pm, 2019. Tradução de Marcelo Backes.
- KAFKA, F.. Brief an den Vater. 2005. Disponível em: www.digbib.org/Franz_Kafka_1883/Brief_an_den_Vater. Acesso em: 10 maio 2020.
- PSICANÁLISE CLÍNICA (Campinas). Psicose, neurose e perversão: estruturas psicanalíticas. estruturas psicanalíticas. Disponível em: www.psicanaliseclinica.com/psicose-neurose-e-perversao. Acesso em: 19 jun. 2020.
- SOUZA, M. R. de. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de hamlet. Psicologia Usp, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 135-155, jun. 2006.
FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642006000200007>.